

Seria preciso defender Saussure contra seus amadores? Notas incessantes sobre a etimologia saussuriana¹

Jürgen Trabant²

“*Bach gegen seine Liebhaber verteidigt*”, “defender Bach contra seus amadores” é o título de um famoso artigo de Adorno no qual ele se posiciona contra os amadores de um Bach “autêntico”, contra os puristas estudiosos de Bach e contra um historicismo que se crê detentor da verdade musical. Esses amadores de um Bach histórico lutavam – aliás, com um fervor quase religioso – para que se tocasse Bach em instrumentos de época, que se reconstruísse a sonoridade “autêntica”, que se restituísse o contexto eclesiástico. Eles cerram Bach em seu meio histórico restrito – nada apreciado por Bach – de diretor musical da Thomaskirche de Leipzig. Adorno defende Bach em nome do progresso musical mostrando as potencialidades de sua música que justamente tenta ocultar as correntes de seu tempo e insiste sobre a abertura dos textos musicais de Bach, que se revolta contra as limitações históricas, devidas, por exemplo, à estreiteza dos dados ideológicos e à pobreza material dos instrumentos de outrora. O cravo não possui necessariamente o som com o qual sonha a música de Bach. Evidentemente, os casos históricos não são de maneira alguma idênticos, mas há analogias estruturais evidentes no que se passa em torno de Saussure. Seria preciso, então, defender Saussure contra seus amigos, amadores de um Saussure autêntico?

1 À procura de um Saussure autêntico

Nos últimos anos, houve uma renovação no interesse por Saussure. Depois do estruturalismo e do pós-estruturalismo, a era de Saussure parecia estar definitivamente encerrada. Mas há novas atividades, ligadas a um trabalho filológico sobre as “fontes”, que se põem a reconstruir um Saussure “autêntico”. Johannes Fehr (desde 1975, a propósito!) no mundo germanófono e Simon Bouquet no mundo francófono são os atores desse trabalho.

1 [N.T.] O texto original está publicado no número 159 da revista *Langages*, de 2005. Deixamos registrados nossos agradecimentos mais calorosos ao professor Trabant por ter-nos permitido traduzir seu artigo.

2 Professor emérito de Linguística e Filologia Românica da Universidade Livre de Berlim. E-mail para contato: trabant@zedat.fu-berlin.de

Mas quais são as razões e quais são as problemáticas dessas atividades? Haveria problemas na discussão linguística atual aos quais se liga essa nova presença de Saussure e, se pudéssemos afirmar, encontraríamos soluções para tais problemas no “verdadeiro Saussure”? Tal é, por exemplo, a razão da renovação do interesse em Humboldt, ligada a um sentimento de *souffrance*: Humboldt ajuda a lembrar o fato de que o estudo da linguagem é um vasto campo de atividades científicas cujo centro é a atividade individual de falar, o discurso, Rede, *energeia*. Humboldt serve para defender – contra a exclusividade de uma linguística naturalista psicobiológica – uma linguística “cultural” das línguas e até mesmo uma linguística “literária” dos textos e do discurso.

O que é verdadeiro para Humboldt também o é para Saussure, ao menos até um certo grau. Ludwig Jäger, por exemplo, invoca-o como testemunha contra as tendências dominantes da linguística moderna. Para Jäger, essas tendências, criticadas, da linguística moderna são justamente devidas somente ao próprio Saussure ou, para ser mais preciso, ao *Curso de linguística geral*. Curiosamente, com efeito, a renovação de Saussure é, ao menos em parte, profundamente anti-saussuriana. Porque, contrariamente ao que acontece com Humboldt, os amigos de Saussure não se referem ao Saussure clássico, aquele do *Curso* (língua/fala, sintagmático/associativo, signo/significante/significado, arbitrário, semiologia, sincronia/diacronia, etc.), mas a um outro Saussure, um Saussure autêntico, que só será encontrado nas notas de aula dos estudantes e, sobretudo, nas notas e manuscritos deixados pelo próprio Saussure. A nova presença de Saussure é, então, devida a uma luta de Saussure contra Saussure. Baseando-se na filologia saussuriana, pode-se atacar aqueles que ainda se referem ao *Curso* e às interpretações clássicas. Pode-se mormente atacar uma linguística que segue a tradição do Saussure “clássico”. Assim, por exemplo, àqueles que ainda creem que Saussure teria preconizado uma linguística da língua (em si mesma e por si mesma) contra uma linguística da fala³, é possível mostrar o contrário; as “fontes” dizem categoricamente que é preciso haver duas linguísticas:

Só que a lingüística, eu ousou dizer, é vasta. Em especial, ela comporta duas partes: uma que está mais perto da *língua*, depósito passivo, outra que está mais perto da *fala*, força ativa e verdadeira origem dos fenômenos que logo se avista, pouco a pouco, na outra metade da linguagem (ELG, 2004, p. 232 [ÉLG, p. 273]).⁴

3 Cf. a famosa passagem do *Curso*: “Pode-se, a rigor, conservar o nome de Linguística para cada uma dessas duas disciplinas e falar de uma Linguística da fala. Será, porém, necessário não confundi-la com a Linguística propriamente dita, aquela cujo único objeto é a língua” (CLG, 2012, p. 52 [CLG : 38 sq.]).

[N.T.] Referenciamos a tradução do *Curso de linguística geral* de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidiro Blikstein, publicada desde 1970 pela Editora Cultrix. Aqui, trazemos sua 28ª edição, em circulação desde 2012. As demais passagens do *Curso* citadas neste artigo também são extraídas da tradução mencionada.

4 [N.T.] A tradução, como consta na referência entre parênteses, pertence à edição dos *Écrits de linguistique générale* já consolidada em solo brasileiro: trata-se dos *Escritos de Linguística Geral*, em sua 1ª edição, traduzidos por Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lucia Franco, publicados em 2004 pela Editora Cultrix. As demais passagens dos *Escritos* citadas neste artigo também são extraídas da tradução mencionada.

Certamente é um jogo interessante. Mas quem precisa desse jogo? Será que ele traz algo de novo para a linguística ou para a teoria da linguagem? (No que concerne a nosso exemplo, linguística da língua/linguística da fala, a discussão dos anos cinquenta não poderia, talvez, já ter esgotado um pouco os argumentos?)⁵

Ou será que ele contribui para fazer compreender Saussure? Da mesma forma, por exemplo, que a interpretação linguística ou “sematológica” de Vico trouxe algo de novo: insistindo sobre o aspecto sematológico que a tradição havia negligenciado, ela mudou a imagem e portanto o escopo da filosofia desse autor aproximando-o de posições filosóficas modernas (geração semiótica do pensamento, filosofia da linguagem)⁶. Certamente também é o caso para Saussure: as interpretações de Fehr, de Bouquet e de Jäger baseadas nos documentos manuscritos, acrescentam conhecimentos detalhados não somente linguísticos, mas sobretudo filosóficos ao pensamento de Saussure dos quais antes não suspeitávamos.

Mas no que concerne a sua utilidade para a linguística, pode-se de início questionar: a linguística atual se encontra em planetas infinitamente distantes dessa galáxia chamada “Saussure”. Ela se interessa por praticamente mais nada do que “Saussure” representa (à exceção, talvez, mais recentemente, do problema da relação entre sincronia e diacronia). Os assuntos saussurianos lhe são completamente indiferentes: “O objeto da linguística”? Essa questão não é mais discutida, ela parece estar completamente resolvida, não há sombra de dúvida sobre o objeto da linguística, seu objeto é “*language*”. “Língua e fala”? Nada é mais indiferente à linguística atual: as línguas enquanto tais não são mais o centro da linguística, descrevemo-las menos “em si mesmas e por si mesmas” como sistemas semiológicos historicamente individuais e mais como, acima de tudo, manifestações superficiais de “*language*”. E a fala definitivamente não tem nada a ver com a linguística: *speech* é uma manifestação completamente contingente de *language*. “O signo linguístico” – *the arbitrary Saussurean sign* – ainda é evocado de tempos em tempos ou digamos que ele assombra o discurso linguístico como o espectro de um tempo passado, somente para dizer que o significante não imita o significado (que é na maior parte do tempo idêntico à coisa designada): “*the wholly conventional pairing of a sound with a meaning*” (Pinker, 1994, p. 83). Mas o núcleo da reflexão semiológica de Saussure, a união do significante e do significado e tudo que surge dessa união, não se encontra no centro da linguística atual. No lugar da “dupla essência” (expressão que consta nas notas recentemente encontradas por Engler e publicadas nos *Escritos de linguística geral*) que é, no fim das contas, a “dupla articulação” do estruturalismo, está a “recursividade” que agora constitui a essência da linguagem ou, em

⁵ Cf. Coseriu (1952)

⁶ A título de exemplo, permito-me remeter a Trabant (2004).

vez disso, da “*language*”. “Semiologia”? Que a linguística possa fazer parte de uma ciência de signos maior não interessa mais a ninguém. Portanto, que a linguística atual possa se interessar por essas discussões saussurianas me parece pouco provável.

Mas essa distância interestelar entre a linguística e “Saussure” seria talvez, justamente, uma razão a mais para rerepresentar Saussure, como se tenta fazer com Humboldt. É, com efeito, o que faz Ludwig Jäger. O problema com essa tentativa de atualização é que não é o Saussure conhecido que ele repropõe à linguística, mas um Saussure novo, um Saussure que é ainda mais distante da linguística atual que o antigo Saussure, sobre quem a linguística tem ao menos ainda alguns preconceitos (“*the arbitrary Saussurean sign*”) – como sobre Humboldt, aliás, que a linguística imagina ser o inventor da tipologia. Os outros saussurólogos mencionados têm outras ambições. Seus trabalhos são, por outro lado, contribuições à história das ciências e à compreensão de Saussure, considerado como um clássico (Fehr), que é preciso, entretanto, remodelar radicalmente, libertá-lo de sua armadilha histórica e linguística e conduzi-lo em direção a outras dimensões, filosóficas sobretudo (Bouquet). Mas Saussure é um clássico muito especial, cuja especificidade levanta questões particularmente complicadas sobre essas atividades de reconstrução de um novo Saussure, de um verdadeiro Saussure.

2 Saussure: um texto sem autor

Saussure – seria preciso lembrar? – não é um autor. Saussure é um texto. Radicalmente. E em sua textualidade esse texto se distingue de praticamente todos os textos importantes da literatura europeia: o *Curso de linguística geral* – que designaremos por “Saussure” – não tem autor, ele não é escrito por aquele que aparece como seu autor e seus escritores negam sua paternidade literária, é um texto duplamente sem pai. A *Iliada* também não possui autor propriamente dito. Ela possui um autor inventado, Homero, para confirmar sua coerência textual. Mas a incerteza do pai não coloca o texto em dúvida. Por vezes, os “escritos” de um autor moderno não são da mão do próprio autor, mas passam por um dispositivo de ditado. Simplesmente aquele que dita ainda é o mestre de sua fala e pode, por exemplo, reler e redigir o texto ou supervisionar sua impressão. Por vezes, como para a maioria dos escritos de Humboldt, o autor não é o mestre da forma impressa de seus escritos ou porque ele não fez a impressão de seus escritos manuscritos (inacabados) ou porque ele morreu. Mas há, de todo modo, manuscritos do que é impresso, vestígios, portanto, do autor em si. Para os textos antigos e medievais, raramente temos textos autógrafos, mas famílias de manuscritos, reduzidas a uma forma definitiva desde a existência da imprensa. Pode-se ainda pressupor uma linha que vai do autor à última forma (impressa). A relação entre autor e texto (impresso) pode, então, ser

incerta ou indireta. Mas para o *Curso de linguística geral*, tal relação é duplamente desgastada. “Saussure” é um texto escrito por dois linguistas suíços – Bally e Sechehaye – a partir de notas de estudantes que frequentaram aulas de seu colega Saussure em Genebra no começo do século XX. Bally e Sechehaye explicam em seu prefácio ao *Curso de linguística geral*, de julho de 1915, seu “trabalho de assimilação e reconstituição” (Bally/Sechehaye no *CLG*, 2012, p. 25 [CLG, p. 9]): “Saussure” é a escritura muito indireta de um ensino acroamático. E esse ensino tem todas as características de um ensino intencionalmente acroamático: ele foi endereçado a um pequeno círculo de iniciados e não tinha por objetivo ser “publicado”, tornar-se exotérico, menos por razões criptológicas ou de distinção social (como para o ensino acroamático de Aristóteles) e mais pelas incertezas e dúvidas do locutor. “F. de Saussure era um desses homens que se renovam sem cessar; seu pensamento evoluía em todas as direções” (Bally/Sechehaye no *CLG*, 2012, p. 24 [CLG, p. 8-9]). Poderíamos até mesmo questionar a legitimidade do registro por escrito e da publicação. Mas quem poderia negar que Saussure teria ficado contente que pessoas enérgicas como Bally e Sechehaye colocaram fim em suas hesitações e dúvidas e fixaram justamente seu pensamento oscilante? De todo modo, a coisa está feita, o texto está aí e teve o destino que conhecemos. E o dispositivo discursivo – é preciso repetir – que gera esse texto “Saussure” é o seguinte: o homem Saussure – porque não podemos duvidar de que um homem Saussure tenha existido – fala a alguns ouvintes a partir de notas que ele destrói em sua maior parte após as aulas. Como ainda não há registro fonográfico (e não temos como saber se o locutor teria permitido um tal registro), os estudantes escrevem, eles são os fonógrafos dessas aulas (segundo o “método acroamático do ensino universitário” do qual fala Nietzsche). Bally e Sechehaye não frequentaram essas aulas. Eles leem as notas dos estudantes e algumas notas que seu colega deixou. Eles falaram também com estudantes-ouvintes. Eles escrevem, então, um texto tendo por base esses testemunhos, com a intenção de “reconstituir” fielmente o *pensamento* do homem Saussure. Eles não reconstroem necessariamente a *voz* do locutor. As coincidências entre as fórmulas anotadas pelos estudantes, provavelmente falas do próprio Saussure, e o texto do *Curso* não são tão grandes (Engler as imprime em negrito em sua edição crítica). Entre seu texto “Saussure” e o homem Saussure, há, pois, um duplo processo de escuta-registro e de leitura-compreensão. O *Curso* é um texto escrito por ouvir-dizer e ler-escrever: falas de Saussure – escuta dos estudantes – escritura dos estudantes – leitura de Bally e Sechehaye – escritura de Bally e Sechehaye – *Curso*/“Saussure”. A fonte vocal autoral desse texto escrito já é bastante logínqua.

Apesar dessa distância, esse dispositivo de escrita é tomado por Bally/Sechehaye como um processo de transcrição, seus escritores se recusam a assumir uma autoria de sua parte: eles

não se apresentam como os autores do *Curso*, mas como os transcreventes de uma fala já transcrita, como fonogramógrafos. Contudo, a despeito de sua vontade de escrevê-los, a dupla distância torna a relação do texto com um autor Saussure mais que precária. Parece-me, então, que valeria mais dizer francamente que o *Curso* não tem autor ou que “Saussure” é um texto. Radicalmente. Esse texto é duplamente órfão, ele não tem nem pai nem padrastos. Isso não impede, por outro lado, que haja um autor que se chama Saussure, que escreveu livros, artigos e que deixou manuscritos. Mas ele ainda é um escritor distante desse texto que foi escrito em seu nome.

Parece-me que, dentre os grandes textos de nossa cultura, apenas as palavras do Cristo são ainda menos autênticas: Jesus não escreve, ele fala, e ele fala muito provavelmente em aramaico. Os evangelistas escrevem. Entretanto, salvo por “*Eli, eli, lama asabthani*”, únicas palavras registradas em aramaico (dentre as falas de alhures, que não são dirigidas a ouvintes humanos, mas a Deus), os evangelistas relatam as falas do Cristo em grego. Além disso, os evangelistas não estavam presentes quando essas palavras em aramaico foram pronunciadas. Eles não são sequer testemunhas diretas como os estudantes de Saussure. Como Bally/Sechehaye, eles são testemunhas indiretas utilizando, provavelmente, para a redação de seus textos, testemunhos escritos, coleções de falas de Jesus, *logia Jesu*. Nós ignoramos a exata constelação comunicativa que gerou o texto dos Evangelhos. Comparada ao *Curso*, a escritura das falas do Cristo apresenta, ademais, um processo de tradução entre a voz do autor e o texto escrito. Mas isso não tem importância para o sucesso do texto. É o texto dos Evangelhos que faz fé – como bem se diz – e que se tornou a base da tradição cristã, isto é, das interpretações desse texto e de toda uma cadeia de narrações e predicções orais e escritas. De toda maneira, o que é verdadeiro para os Evangelhos também o é para o *Curso de linguística geral*: esse texto pouco “autêntico” faz fé.

Mas para os Evangelhos estamos na feliz situação de não ter encontrado, *post festum*, notas manuscritas da mão de Jesus. O texto dos Evangelhos já se presta a diversas interpretações e a terríveis mal entendidos. Não ousamos pensar nas guerras de religião que a descoberta de manuscritos de Jesus teria gerado. Será que é isso o que arrisca acontecer em torno do *Curso de linguística geral*?

3 O infeliz destino de um texto clássico

No começo, até os anos 1970, o público lia “Saussure” sem fazer muitos questionamentos. Confiava-se, não havia escolha. Não havia nada além do *Curso*. E aquele a quem atribuímos esse livro havia morrido bem antes de sua publicação. Mas o texto se torna famoso, não gera

somente uma escola de linguística, mas todo um movimento intelectual: suas contradições permitem interpretações divergentes, seu sucesso incita a revolta e o abandono, em suma, ele se torna um texto fundador e “clássico”. É por isso que ele está rodeado de cuidados filológicos devidos a todo clássico. Encontram-se e publicam-se os documentos que conduzem a sua gênese: sobretudo os cadernos dos alunos, mas também as notas do próprio Saussure, com ou sem relação com a temática do *Curso*, milhares de páginas que, de agora em diante, formam o fundo textual do qual emerge o *Curso*. Contrariamente ao que acontece com outros textos clássicos, no entanto, a configuração de sua escritura, a ausência manifesta ou a dupla distância do autor, criam uma suspeita e uma espécie de abismo filológico no qual o texto arrisca desaparecer: acaba-se percebendo que o texto não é mais que um vestígio muito mediato da voz do autor e que os documentos garantem o acesso ao imediato, à voz ou ao menos aos testemunhos de escuta imediata. Primeiro, há às *Fontes Manuscritas* de Godel, em seguida, a edição crítica de Engler, a edição comentada de Mauro, os anagramas de Starobinski, as reconstruções dos cursos pelos cadernos dos alunos, a publicação, em alemão, de notas e outros documentos de Saussure por Fehr, e, finalmente, os novos textos de Saussure, encontrados em 1996 por Engler na biblioteca de Genebra e publicados – com os outros documentos manuscritos – nos *Escritos de linguística geral* – que, aliás, segundo Jäger (2003b, p. 15 *sq.*), não são nem “escritos” nem da “linguística geral”.

Tudo isso é necessariamente nefasto para um texto como “Saussure”. Na medida em que este não se refere senão de maneira duplamente indireta a um ensino acroamático, todos esses documentos que começam a rodeá-lo tendem automaticamente a colocá-lo em xeque, a destruí-lo. Em um trabalho filológico “normal” – confrontação de um texto definitivo (impresso) com o manuscrito do autor, com as rasuras, as variantes, as dúvidas, etc. do autor –, a reconstrução da gênese do texto já abala as certezas textuais. Mas a intenção do trabalho filológico é, com efeito, “normalmente” aquela de saber quais processos de transformação levaram o autor ao texto final (impresso) que faz fê. O trabalho filológico é, então, essencialmente *constutivo*, sua intenção não é de criticar ou de desconstruir o texto final. A filologia também pode, é claro, destruir a credibilidade de um texto, como, por exemplo, na famosa crítica filológica que o grande ancestral da filologia, Lorenzo Valla, fez da Doação de Constantino. Valla provou que se tratava de um apócrifo. Mas a intenção de Godel era de mostrar o bom trabalho, a fidelidade de Bally/Sechehaye, a credibilidade, portanto, do texto do *Curso*⁷. Da mesma forma, a intenção

7 Godel escreve no prefácio: « On espère qu’ainsi les chapitres qui suivent fourniront aux lecteurs du *Cours de linguistique générale* une “clé” qui permettra une plus sûre exégèse et, s’il en était besoin, la preuve de la conscience et de l’intelligence que les deux disciples ont mises au service de la pensée de leur maître » [“Espera-se que, assim, os capítulos que seguem fornecerão aos leitores do *Curso de linguística geral* uma ‘chave’ que permitirá uma mais precisa exegese e, se for preciso, a prova da consciência e da inteligência que os dois discípulos

de Engler não era nada destrutiva. A interpretação-edição de Fehr baseada em todos aqueles subtextos e mesmo a edição de Engler/Bouquet dos *Escritos* (não a interpretação de Bouquet!) continuam nessa tradição: elas mostram um pensamento esotérico, acroamático, mais rico, mas também incerto, mais caótico que teria encontrado sua forma exotérica, clara, no *Curso*. A filologia saussuriana é, então – no que concerne a suas boas intenções –, uma filologia clássica, conduzindo em direção a um universo textual clássico e construindo seus fundamentos.

Entretanto, apesar dessas intenções construtivas, frente a todos esses documentos, o texto impresso do *Curso*, duplamente afastado de sua fonte, órfão, não passa no teste de paternidade. A filologia saussuriana se dirige necessariamente *contra* o *Curso*: porque todos os outros documentos são mais críveis que esse que Bally e Sechehaye escreveram. Tudo que é mais próximo da fonte, mais próximo da voz do mestre, é mais crível que o texto impresso. Mesmo as notas mais inexatas de um estudante que não entende nada do que o mestre dizia são mais autênticas que o *Curso*, simplesmente porque esse estudante estava lá, na presença do mestre, perto da *phōnē*. São sagradas, é claro, as notas do próprio mestre. É aí que se encontra o “verdadeiro” pensamento do mestre, é aí que se encontra o Saussure autêntico, o verdadeiro, o *étimo*. Sob o peso dessa metafísica da proximidade, fonocêntrica, bem inscrita em nossa cultura desde o *Fedro* de Platão, a credibilidade do *Curso* colapsa. Ludwig Jäger constata acerca disso em 1975 e Simon Bouquet o segue em 1997: o *Curso* é uma farsa e o resultado de uma traição.

Que Bally e Sechehaye realizaram uma síntese magistral da reflexão saussuriana é um fato comprovado pelo sucesso alcançado por sua obra. Mas essa obra oferece, por outro lado, um reflexo *deformado* do pensamento que pretende divulgar, *falseando* [...] as notas do curso e os manuscritos de Saussure em que se apóia (Bouquet, 2000, p. 13 [1997, p. I], grifos meus).⁸

Face à traição, face às deformações, não é, então, surpreendente que o autor de uma resenha dos *Escritos de linguística geral* na *Neue Zürcher Zeitung* observe – baseado nos testemunhos autógrafos – que a história da recepção do *Curso*, logo, de “Saussure”, revelar-se-á no fim das contas como a história de um grande erro. Necessariamente. Porque o trabalho filológico em torno do *Curso* só pode partir da distância ou da ausência do autor e, como ele procura o autor, nutre automaticamente a suspeita da não autenticidade do *Curso*. Em vista disso, ele revela necessariamente as transformações do que se encontra no fundo desse poço filológico, desse abismo do autêntico, como deformações e falsificações. Seu efeito (não necessariamente sua intenção) é automaticamente destrutivo frente a esse texto, porque ele não pode mostrar – o

colocaram a serviço do pensamento de seu mestre”] (Godel, 1957/69, p. 11).

8 [N.T.] A tradução da passagem referida consta na edição brasileira da obra de S. Bouquet, intitulada Introdução à leitura de Saussure e devida aos tradutores Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lucia Franco, publicada em 2000 pela Editora Cultrix. As demais citações da mesma obra também são extraídas da mesma tradução.

que normalmente a filologia faz – como o autor chegou à forma definitiva de seu pensamento no texto, mas, ao contrário, somente como os compiladores – mesmo de boa fé – *transformaram* e, por conseguinte, *deformaram* o original e se distanciaram da fonte, pura, é claro, como eles se tornaram usurpadores, maculadores e falseadores – portanto, traidores. Visto das profundezas filológicas e das “fontes” do verdadeiro, o *Curso* não pode ser senão afastamento e “erro” – uma farsa, e as leituras do *Curso* constituem necessariamente uma história de erros.

Mas isso não seria cair na armadilha da etimologia ontológica – heideggeriana, isidoriana – que crê que o “verdadeiro”, o *étimo*, de uma palavra não se encontra na significação atual, gerada pela história, mas no que se encontra por detrás ou “no fundo” de uma palavra? A significação e a forma material atuais de uma palavra esconderiam o verdadeiro, a essência semântica que não se encontra senão na significação e na forma material do passado, mais próximas do ser. Porém, trata-se aí de um abuso da etimologia, de um cratilismo ideológico: a etimologia transformada em suspeita contra o uso atual. A etimologia científica não faz isso, ela reconstrói a história das palavras, constata suas mudanças, não acha que o antigo é mais “verdadeiro” (apesar do termo “etimologia”) que o resultado das mudanças, ela acha o antigo somente antigo – e diferente (se ele mudou). Acima de tudo, ela não faz aproximações semânticas, nem exige que se utilize a palavra em sua “verdadeira” significação, aquela do passado – coloquemos a palavra *tête* [cabeça] na significação de “vaso de terracota”. É exatamente o que faz Heidegger quando ele utiliza em seus textos as palavras segundo sua (pretendida) etimologia e não segundo o uso atual da língua alemã. A etimologia científica, ao contrário, é uma disciplina que contribui para enriquecer nossos conhecimentos históricos. Mas estes são conhecimentos que têm nada (ou pouco) a ver com nosso saber linguístico sincrônico, com o emprego da língua. “Saussure” diz o mesmo, de maneira um pouco radical, quando ele constata que os sujeitos falantes não têm consciência histórica, mas somente um saber sincrônico da língua (CLG, 2012, p. 123 [CLG, p. 117]).

A filologia saussuriana, como a boa etimologia, não deveria partir da constatação sincrônica de que, há quase um século, nós lemos e utilizamos um livro, o *Curso de linguística geral*, que gerou e ainda gera um saber linguístico extremamente rico e importante? A contribuição da filologia saussuriana à utilização desse texto deveria ser etimológica sem o sentido descrito, isto é: constatar as mudanças, não achar o antigo mais “verdadeiro” que o resultado das mudanças, mas simplesmente antigo – e diferente (se ele mudou). Acima de tudo, ela não deveria fazer reprovações ou exigir que se utilize o *Curso* em sua “verdadeira” significação. A “verdadeira” significação do *Curso* está no *Curso* e não nos *Escritos de linguística geral*. Como a verdadeira significação de *tête* está na palavra *tête* e não na palavra latina *testa* da qual

a primeira resulta. Mas não é isso que fazem todos os defensores do verdadeiro Saussure, do *étimo* saussuriano: enquanto amigos da verdade, eles descartam o *Curso*, abandonam a mentira e vivem na verdade, na “leitura dos textos originais, livre da influência do *Cours de Linguistique générale*” (Bouquet, 2000, p. 16 [1997, p. v]).

Se consideramos o corpus dos fragmentos saussurianos como profundidade “autêntica”, como “verdade”, o autor da resenha da *NZZ* tem razão: o *Curso* é um conjunto de “erros” e a história de suas leituras não pode ser senão uma história de erros. No entanto, *e ao mesmo tempo*, tal autor equivocou-se completamente por dois motivos: na perspectiva da gênese do *Curso*, não há nada mais autêntico que “Saussure”, que o *Curso*, porque não há nada como o *Curso*. Como não há nada mais verdadeiro que os Evangelhos. É por isso que é inútil – para não dizer ilegítimo – culpabilizar os leitores de “Saussure” por serem as vítimas de uma fraude gigantesca porque teriam sido privados do “verdadeiro” Saussure, de suas verdadeiras intenções, de suas dúvidas, de suas hesitações. Todos os leitores sabiam perfeitamente que não foi Saussure quem escreveu tal texto, mas que o *Curso* possui um dispositivo de escritura complicado e póstumo que se chamou Saussure. Todos sabiam que era um texto sem autor. Mas, mesmo sem se darem conta desse fato, eles leram o texto e acharam esse texto extremamente interessante – como os leitores ou ouvintes dos Evangelhos consideraram essa mensagem uma boa mensagem. Logo, mesmo se se pudesse reprovar os compiladores por não terem feito um bom trabalho de “reconstituição” (ainda que eles o tenham certamente feito de boa fé) e de terem criado um texto fundado sobre “erros” no que concerne a sua relação com a fonte – o professor Saussure –, o texto continua autêntico. Porque o texto não retira sua força e sua credibilidade do fato de que ele é obra do professor Saussure, que ele sai da boca ou da mão de uma pessoa histórica, mas simplesmente de sua forma e de seus argumentos imanentes. Assim, uma gênese pretensiosamente “falseadora” não invalida as leituras de “Saussure”, não funda toda uma história de erros. Ter construído um estruturalismo severo, um formalismo radical, uma semiologia linguística baseada no *Curso*, por exemplo, não foi um erro de Hjelmslev. A leitura hjelmsleviana baseada no *Curso* é completamente legítima. Hjelmslev nunca afirmou que o que ele dizia era a última vontade ou a intenção essencial do verdadeiro Saussure, cidadão de Genebra, mas que ele interpretou e radicalizou o que ele encontrou no *Curso*.

Há, claro, leituras falíveis ou problemáticas do *Curso*, como há leituras falíveis ou problemáticas de qualquer texto. Mas esse é um outro problema. Por exemplo, a interpretação de Hjelmslev sobre a dimensão “associativa” como dimensão “paradigmática” é uma interpretação genial, entretanto, é também uma redução da dimensão “associativa” que figura no *Curso*. Da mesma maneira, quando se encontra entre os leitores de Saussure a opinião de que Saussure teria sido inventor do arbitrário do signo, isso não é culpa do texto. “Saussure” não diz isso

em parte alguma, ele diz, em realidade, o contrário: “O princípio da arbitrariedade do signo não é contestado por ninguém” (CLG, 2012, p. 108 [CLG, p. 100]), isto é, trata-se de uma coisa velha que todo mundo conhece – desde Aristóteles, nesse caso. Essa opinião – de que haveria “*the arbitrary Saussurean sign*” – é, então, simplesmente devida à ignorância histórica dos leitores. Em outros contextos (por exemplo, entre os historiadores que discutem sobre o “*linguistic turn*” das ciências da história), lê-se seguidamente que “Saussure” teria eliminado o referente da teoria da linguagem. Mas isso é inexato. O *Curso* diz somente que significante e significado unidos formam o signo, porém também diz que esse signo, esse “pensamento-som”, forma o mundo. O signo se refere, assim, ao mundo extralinguístico (CLG, 2012, p. 159 [CLG, p. 156]). É verdade, porém, que o signo linguístico quando considerado como elemento do sistema abstrato da língua não se refere *diretamente* ao mundo exterior, justamente porque se trata de uma abstração. Por outro lado, isso não exclui que, na fala, os signos se referem aos objetos. Pode-se mesmo assim admitir que, sobre essa questão, o *Curso* não é muito explícito.

4 Os *Escritos* com ou sem o *Curso*?

É verdade que encontramos nas notas, antigas e novas, escritas pela mão de Saussure, reunidas nos *Escritos de linguística geral*, um pensamento, rico e atormentado, sobre a linguagem e sobre a linguística que se procura. E parece que esse pensamento é o pensamento autêntico, “verdadeiro”, daquele que é a fonte do *Curso*. A questão que colocamos é a de saber como se comportar frente a esse pensamento “autêntico”. Até aqui, considere implicitamente quatro respostas possíveis cujas perspectivas resumirei brevemente: podemos simplesmente ignorar ou descartar o “verdadeiro” Saussure e continuar com o *Curso*. Dada a gênese e a história ulterior do *Curso*, parece-me absolutamente legítimo dizer: o Saussure “autêntico” não me interessa, há o *Curso*, é o texto que se tornou famoso com as consequências que conhecemos, isso me basta. Ou, ainda, o leitor do *Curso* pode tomar conhecimento do “verdadeiro” Saussure. Nesse caso, ele pode utilizá-lo em dois sentidos opostos: ou como informação etimológica que acresce ao prazer e à profundidade de sua leitura – uso eufórico – ou como informação etimológica que joga contra a leitura do *Curso* – uso disfórico, “rançoso”, como o chamou Claudine Normand (2000, p. 15). Esse ponto de vista conduz à quarta possibilidade: a leitura do “verdadeiro” Saussure somente, sem o *Curso*. Este sendo considerado como uma farsa, um erro, uma catástrofe intelectual, não se lê senão os *Escritos de linguística geral*.

É essa quarta possibilidade que é, é claro, a mais radical e a mais interessante. Para os velhos leitores do *Curso*, ela dificilmente é imaginável. É difícil retornar a um estado de

inocente ignorância. Quando lemos os *Escritos*, sempre nos perguntamos se o que lemos afirma, contradiz, precisa, completa o que conhecemos do *Curso*. Mas será que esses fragmentos têm um valor em si mesmos? Eles são compreensíveis, produzem um sentido “em si mesmos e por si mesmos”, para um leitor inocente que não sabe nada de “Saussure” (mas por que um leitor leria Saussure se ele não sabe nada de “Saussure”)? Eu gostaria de esboçar uma resposta a essa pergunta à luz de alguns exemplos.

As três lições de 1891 são, por exemplo, textos do corpus dos *Escritos* que, sem dúvida, têm um certo valor independente (ELG, 2004, p. 126-150 [ÉLG, p. 143-173]). Nessas conferências, Saussure situa a linguística, ciência autônoma, na oposição entre Ciências e Letras, ele se opõe à concepção da linguística como ciência natural e diz que a linguística é uma ciência histórica, em que “histórica” quer dizer “concernindo a ações humanas” e que essas ações se transformam com o tempo e se diversificam no espaço. Isso tudo é certamente muito bem colocado e compreensível para qualquer leitor (ainda que seja difícil de contextualizar sem certos conhecimentos da história da linguística). Porém: essas belas lições são muito mais interessantes quando se sabe que uma parte importante dessa concepção da linguística muda radicalmente no *Curso*: a linguística não é mais situada na dualidade das ciências da Natureza e das Letras, mas é colocada sob a legislação da psicologia (social) e da semiologia, uma ideia que se encontra também em outros fragmentos publicados nos *Escritos*, pertencendo, evidentemente, a uma outra época (gostaríamos muito de saber qual ela seria).

Os textos em sua maioria são, no entanto, dificilmente compreensíveis em si mesmos. Eles são arranjados e agrupados pelos editores. Os manuscritos raramente impõem uma ordem precisa. O arranjo dos fragmentos já é um passo interpretativo muito forte que orienta seu sentido. Além disso, seu conteúdo é indicado por títulos dados pelos editores (salvo nos raros casos em que Saussure colocou um título). E, finalmente, o arranjo, assim como a intitulação, são feitos em função de assuntos do *Curso*! Engler o faz de forma evidente no segundo volume da edição crítica do *Curso* e seu arranjo é conservado nos *Escritos de linguística geral*. Esses procedimentos editoriais foram estendidos aos novos textos que Rudolf Engler encontrou em 1996 e que constituem a outra parte do corpus do *Escritos*. De todo modo, eles perturbam necessariamente a pureza dessas “fontes”: os editores se misturam claramente – tragicamente – à autenticidade dos manuscritos. Uma questão circunstancial: será que os novos textos, encontrados em 1996, mudam alguma coisa? Ludwig Jäger (2003b, p. 18) observa que os novos fragmentos não adicionam nada de fundamentalmente novo ao que já se sabia desde a edição de Engler, isto é, desde trinta anos atrás. De qualquer forma, seriam as “fontes” – antigas ou novas – lisíveis por si mesmas – sem levar o *Curso* em consideração?

Se começamos a ler, por exemplo, os novos documentos do fundo BPU 1996, caímos

sobre as “verdades fundamentais” da linguística das quais uma seria a seguinte reflexão:

É errado (e impraticável) opor a *forma* e o *sentido*. O que é certo, em troca, é opor a *figura vocal*, de um lado, e a *forma-sentido* de outro (ELG, 2004, p. 21 [ÉLG, p. 17]).

Essa observação, aparentemente clara e simples, é, no entanto, muito difícil de compreender. De início, ela parece ser dirigida contra o uso insensato de “forma” e “sentido”. Depois, ela informa que, na linguagem, estamos, do ponto de vista da “forma”, lidando com a voz. E eu suponho que Saussure queira dizer, além disso, que não basta distinguir o material e o espiritual na linguagem, mas que é preciso falar de “forma” dos dois pontos de vista, isto é, que o material (vocal) é tão formado (figura) quanto o imaterial (forma-sentido). Contudo, essa passagem desenvolve todo o seu charme sobre o pano de fundo do *Curso* e da interpretação hjelmsleviana do signo linguístico como união de duas formas, da forma de expressão e da forma de conteúdo. E podemos continuar pensando no avatar desse teorema de Hjelmslev na teoria da dupla articulação de Martinet.

Aquela primeira observação, os editores fazem seguir cinco fragmentos nos quais Saussure toma posição contra uma concepção da linguística cujos objetos seriam objetos materiais como os objetos das ciências naturais. Acerca disso, ele dá as seguintes razões: “Uma língua existe se, a *m + e + r*, se vincula uma idéia” (ELG, 2004, p. 23 [ÉLG, p. 20]) ou: “Há um primeiro domínio, interior, psíquico, onde existe o signo assim como a significação, um indissolivelmente ligado ao outro” (ELG, 2004, p. 24 [ÉLG, p. 21]). Será que meu leitor “inocente” compreende a dimensão dessas afirmações? De todo modo, essas passagens desdobram seu sentido em relação ao que diz o *Curso* sobre o signo e sobre a união indissolúvel do significante e do significado que é uma união psíquica. Da natureza psíquica da linguagem depende também a sistemática da linguística como ramo da psicologia e da semiologia, etc.

Essas indicações devem bastar como exemplos do que se pode chamar de caráter “parasitário” dos escritos do “verdadeiro” Saussure: os *Escritos de linguística geral* ganham sentido quando são lidos em relação aos assuntos do *Curso* e de seus desenvolvimentos ulteriores. Creio, então, que podemos descartar a possibilidade de uma leitura dos *Escritos de linguística geral* sozinhos. Restam somente as leituras “etimológicas” dos *Escritos*, como *étimo* do *Curso*.

Partimos de uma forte separação entre o *Curso* e o Saussure das notas devido ao abismo de transmissão que existe entre a voz do autor e o texto impresso, devido à cadeia muito indireta que liga o texto a seu pretendido autor, devido, enfim, a um fato “exterior”. Essa separação é corroborada pelo fato de que somente o texto impresso interpretou um papel na

história das ideias, o que permite, a meu ver, ficar apenas com o *Curso*. A leitura filológica, etimológica, adiciona a essa separação dos dois Saussure diferenças profundas de *conteúdo*: Jäger, por exemplo, parte de uma leitura muito crítica do *Curso* que conteria todos os males da linguística moderna (epistemologia analítica, formalismo, reducionismo, exclusão do discurso) e ele encontra tais diferenças entre o corpus do “verdadeiro” Saussure e o *Curso*, a ponto de ele crer que se deva romper com este último. Ele encontra remédios contra as concepções falsas do *Curso* justamente no verdadeiro Saussure que se torna, assim, com efeito, um anti-*Curso*. É evidente que uma tal posição não funcione senão em relação com o *Curso*. Também aquele que rejeita passionalmente o *Curso* deve, então, continuamente levar em consideração esse texto usurpador. Sem essa “farsa”, o caos dos textos autênticos não é controlável, muito menos compreensível. A reconstrução do pensamento do verdadeiro Saussure é certamente subversiva, mas ela resolve ao mesmo tempo a separação dos dois Saussure. O Saussure autêntico – qualquer que seja a intenção de seus autores – é o resultado de uma desconstrução do *Curso*, à maneira de Derrida: não vemos esse *étimo* senão através do *Curso* que permanece visível mesmo sendo negado.

Mas se é assim, se o verdadeiro Saussure não funciona senão em função do “falso”, se o verdadeiro Saussure constrói necessariamente uma ponte em direção ao *Curso*, seria, talvez, melhor ficar na via da etimologia saussuriana eufórica e deixar de lado o discurso “rançoso”? A reconstrução benevolente apresenta o “verdadeiro” Saussure como um canteiro de ideias subjacente ao texto impresso que, como tal, não seria uma traição, mas uma emanção legítima desse canteiro. A filologia eufórica contribui ao saber reconstruindo o contexto mais amplo de um clássico. É uma posição irênica que gera conhecimentos históricos importantes, sem dúvida. Porém, a etimologia saussuriana disfórica, polêmica, é mais interessante. Ela é necessariamente mais ambiciosa, porque sua reconstrução negativa deve – para fazer sentido – ter objetivos ulteriores: ela se mistura à pesquisa atual. Ela não pode se contentar com provar os crimes de Bally/Sechehaye, isso seria idiota. O *Curso* não é a Doação de Constantino, que foi simplesmente aniquilada pela crítica filológica. Ele não é um documento jurídico que funda direitos e que – uma vez desconstruído – é inválido. A desconstrução do *Curso* mostra os crimes de Bally/Sechehaye (traição), certamente, mas ela não destrói o *Curso*, não lhe retira sua coerência ou seu valor “sincrônico”. Ela propõe à pesquisa (linguística, filosófica) um Saussure mais profundo, mais próximo da realidade da linguagem, mais próximo de uma concepção justa da linguística. O Saussure de Jäger, por exemplo, é um teórico da linguagem superior ao *Curso*, um pensador quase humboldtiano, e – com isso – um crítico da linguística atual, incluindo aquela do *Curso*.

Apenas, mais uma vez, não vemos como esse novo e melhor Saussure deixaria de estar

ligado ao *Curso*. Ninguém encontrará só pela leitura dos *Escritos de linguística geral* (ou dos dois volumes alemães que lhes correspondem) um autor compreensível ou coerente, mas somente fragmentos muito difíceis de compreender, que ganham uma certa coerência e um certo sentido exclusivamente se os colocamos em relação com o *Curso*. Seria, então, difícil fundar, conforme quer Simon Bouquet, uma nova tradição de um grande pensador filosófico independente do *Curso*, a tradição do verdadeiro Saussure. Como esses escritos não funcionam senão em virtude do *Curso*, esse Saussure autêntico é necessariamente tributário do *Curso*. Ele está condenado a acompanhar o Grande Clássico. Ele é um pouco como o bobo da corte que diz a verdade, certamente, mas que, em dizendo a verdade, não tem força para abalar o Poder, mas, ao contrário, o confirma. Assim, a versão desconstrutiva de Saussure, o Saussure autêntico, etimológico, verdadeiro, não terá força para eliminar o poder do Grande Clássico, também usurpado, falso, que seja. O Saussure “autêntico” está tragicamente condenado a continuar sendo o bobo do *Curso*.

Amanda Eloina Scherer⁹

Erick de Queiroz Brittes¹⁰

Referências bibliográficas

ADAM, J.-M. **Linguistique textuelle**: des genres de discours aux textes. Paris: Nathan, 1999.

ADAM, J.-M. Discours et interdisciplinarité. Benveniste lecteur de Saussure. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, n. 54, p. 201-218, 2001a.

ADAM, J.-M. Barthes en 1970 : de la “translinguistique” à la déconstruction. In: BOISSINOT, A. et al. (org.). **Littérature et sciences humaines**. Paris: Les Belles-Lettres – Centre de Recherches Texte/Histoire da Université de Cergy-Pontoise, 2001b. p. 125-148.

ADORNO, T. W. Bach gegen seine Liebhaber verteidigt. In: ADORNO, T. W. **Prismen**: Kulturkritik und Gesellschaft. Frankfurt: Suhrkamp, 1955 [1951]. p. 162-179.

AMOSSY, R.; MAINGUENEAU, D. (org.). **L’analyse du discours dans les études littéraires**. Toulouse: Presses universitaires du Mirail, 2003.

AMSTERDAMSKA, O. **Schools of thought**: The development of Linguistics from Bopp to Saussure. Dordrecht: Reidel, 1987.

ARRIVÉ, M. Saussure et la littérature. In: MESCHONNIC, H. (org.). **Le Langage comme**

9 Professora Titular do Departamento de Letras Clássicas e Linguística da Universidade Federal de Santa Maria (DLCL/CAL/UFSM), atua na Graduação e na Pós-Graduação em Letras da mesma instituição. E-mail para contato: amanda.scherer@gmail.com

10 Graduado em Letras - Licenciatura em Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail para contato: queirozerickbrittes@gmail.com

défi. Saint-Denis: PUV, 1991. p. 215-226.

AUROUX, S. Deux hypothèses sur les sources de la conception saussurienne de la valeur linguistique. **Travaux de Linguistique et de Littérature**, v. 22, n. 1, p. 295-299, 1985.

AUROUX, S. La notion de linguistique générale. **Histoire, Épistémologie, Langage**, t. 10, f. 2, p. 37-56, 1988.

AUROUX, S. (org.) **Histoire des idées linguistiques**, t. 3. Bruxelles: Mardaga, 2000.

BADER, F. Une anamnèse littéraire d'Émile Benveniste. **Incontri Linguistici**, n. 22, p. 11-55, 1999.

BAKHTINE, M. Le problème du contenu, du matériau et de la forme dans l'oeuvre littéraire. In: **Esthétique et théorie du roman**. Paris: Gallimard, 1978 [1924].

BALLY, C. **La Crise du français**. Notre langue maternelle à l'école. Avant-propos e Postface por J.-L. Chiss e C. Puech. Geneva-Paris: Droz, 2004 [1931].

BARTHES, R. Introduction à l'analyse structurale des récits. **Communications**, n. 8, p. 1-27, 1966.

BENVENISTE, É. **Problèmes de linguistique générale I**. Paris: Gallimard, 1966.

BENVENISTE, É. **Problèmes de linguistique générale II**. Paris: Gallimard, 1974.

BENVENISTE, É. **Le Vocabulaire des institutions indo-européennes**, t. 1. Paris: Minuit, 1969.

BONNEFOY, Y. Fragments d'un entretien, à propos de Ferdinand de Saussure. In: BOUQUET, S. (org.). **Ferdinand de Saussure**. Cahiers de l'Herne. Paris: Éditions de l'Herne, 2003. p. 263-271.

BOUQUET, S. **Introduction à la lecture de Saussure**. Paris: Payot & Rivages, 1997.

BOUQUET, S. (org.). **Ferdinand de Saussure**. Cahiers de l'Herne. Paris: Éditions de l'Herne, 2003. p. 263-271.

BOUQUET, S. Saussure après un siècle. In: BOUQUET, S. (org.). **Ferdinand de Saussure**. Cahiers de l'Herne. Paris: Éditions de l'Herne, 2003a. p. 11-15.

BOUQUET, S. Interpréterp: de la langue à la parole (avec A. Green, F. Rastier, J. Starobinski). In: BOUQUET, S. (org.). **Ferdinand de Saussure**. Cahiers de l'Herne. Paris: Éditions de l'Herne, 2003b. p. 293-306.

BRUNOT, F. **La Pensée et la langue**. Paris: Masson, 1922.

BUTLER, J.; GUILLORY, J.; THOMAS, K. (org.). **What's Left of Theory? New Work on the Politics of Literary Theory**. Nova Iorque-Londres: Routledge, 2000.

CASSIRER, E. Structuralism in Modern Linguistics. **Word**, n. 1, v. 2, p. 99-120, 1945.

CERVONI, J. **L'Énonciation**. Paris: Presses Universitaires de France, 1987.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. (org.). **Dictionnaire d'analyse du discours**. Paris: Seuil, 2002.

CHAROLLES, M.; FISHER, S.; JAYEZ, J. (org.) **Le Discours: Représentations et interprétations**. Nancy: Presses Universitaires de Nancy, 1990.

CHAROLLES, M.; COMBETTES, B. Contribution pour une histoire récente de l'analyse du discours. **Langue française**, n. 121, p. 76-116, 1999.

CHERVEL, A. **Histoire de la grammaire scolaire**. Paris: Payot, 1977.

CHISS, J.-L. La coupure langue/littérature et la discipline "français". In: BOISSINOT, A. *et al.* (org.). **Littérature et sciences humaines**. Paris: Les Belles-Lettres – Centre de Recherches Texte/Histoire da Université de Cergy-Pontoise, 2001. p. 149-160.

CHISS, J.-L.; PUECH, C. Derrida lecteur de Saussure: effets d'une "mise en crise" philosophique du Cours de linguistique générale. In: CHISS, J.-L.; PUECH, C. **Fondations de la linguistique**. Bruxelles: De Boeck, 1987. p. 91-104.

CHISS, J.-L.; PUECH, C. **Fondations de la linguistique: Études d'histoire et d'épistémologie**. 2 ed. Louvain-la-Neuve: Duculot, 1997.

CHISS, J.-L.; PUECH, C. **Le langage et ses disciplines: XIXe-XXe siècles**. Paris-Bruelas: Duculot.

CHISS, J.-L.; PUECH, C. Structuralismep: structuralisme linguistique, structuralisme et philosophie. In: **Dictionnaire des genres et notions littéraires**. Paris: Encyclopaedia Universalis/Albin Michel, 2000. p. 793-820.

COMPAGNON, A. **Le Démon de la théorie**. Paris: Seuil, 1998.

COQUET, J.-C. Note sur Benveniste et la phénoménologie. **Linx**, n. 26, p. 41-48, 1992.

COSERIU, E. Sistema, norma y habla. In: COSERIU, E. **Teoría del lenguaje y lingüística general**. Madrid: Gredos, 1962 [1952]. p. 11-113.

CULIOLI, A. **Théorie du langage et théorie des langues**. Actes du colloque de Tours. Louvain: Peeters, 1983. p. 77-83.

DAMOURETTE, J.; PICHON, E. **Des mots à la pensée: Essai de grammaire de la langue française**. Paris: D'Artrey, 1930-1950.

DELESALLE, S. Introduction: Histoire du mot énonciation. **Histoire Épistémologie Langage**, t. 8, f. 2, p. 3-22, 1986.

DE MAN, P. **Allegories of Reading: Figural Language in Rousseau, Nietzsche, Rilke and Proust**. New Haven: Yale U.P, 1979.

DE MAN, P. **Blindness and Insight: Essays in the Rhetoric of Contemporary Criticism**.

- Minneapolis: U. of Minnesota, 1983.
- DERRIDA, J. **De la Grammatologie**. Paris: Minuit, 1967.
- DERRIDA, J. **L'Écriture et la différence**. Paris: Seuil, 1967.
- DERRIDA, J. **Positions**. Paris: Minuit, 1972.
- DERRIDA, J. **Marges de la philosophie**. Paris: Minuit, 1972.
- DERRIDA, J. **Éperons**: Les styles de Nietzsche. Paris: Flammarion, 1978.
- DERRIDA, J. **Mémoires pour Paul de Man**. Paris: Galilée, 1988.
- DERRIDA, J. **Limited Inc**. Paris: Galilée, 1990.
- DERRIDA, J. Circonfession. In: DERRIDA, J.; BENNINGTON, G. **Les contemporains**. Paris: Seuil, 1991.
- DERRIDA, J. **Le Monolinguisme de l'autre ou la prothèse d'origine**. Paris: Galilée, 1996.
- DERRIDA, J. **Fichus**. Paris: Galilée, 2002.
- DESSONS, G. Comment lire? La méthode de Ferdinand de Saussure. **La Licorne**, n. 16, p. 455-466, 1989.
- DESSONS, G. **Émile Benveniste**. Paris: Bertrand-Lacoste, 1993.
- DESSONS, G. **La phrase comme phrasé**. **La Licorne**, n. 42, p. 41-54, 1997.
- ENGLER, R. (org.) **Cours de Linguistique Générale de F. de Saussure**. édition critique. Wiesbaden: O. Harrassowitz, 1968 e 1974.
- FOUCAULT, M. **L'Archéologie du savoir**. Paris: Gallimard, 1969.
- FOUCAULT, M. Qu'est-ce qu'un auteur? **Bulletin de la Société française de Philosophie**, t. LXIV, p. 75-94, 1969.
- FOUCAULT, M. **L'Ordre du discours**. Paris: Gallimard, 1971.
- FEHR, J. « Boeuf, lac, ciel » – « concierge, chemise, lit ». **Linx**, n. 7, p. 431-438, 1995.
- FEHR, J. Saussure: Zwischen Linguistik und Semiologie. Ein einleitender Kommentar. In: SAUSSURE, F. de. **Linguistik und Semiologie**: Notizen aus dem Nachlaß. Texte, Briefe und Dokumente Gesammelt, übersetzt und eingeleitet von Johannes Fehr. Frankfurt: Suhrkamp, 1997. p. 15-226.
- FEHR, J. **Saussure entre linguistique et sémiologie**. Paris: Presses Universitaires de France, 2000.
- GANDON, F. **De dangereux édifices. Saussure lecteur de Lucrèce**. Les cahiers d'anagramme consacrés au De Rerum natura. Louvain-Paris: Peeters, 2002.

GARBER, M.; HASSEN, B.; WALKOWITZ R. L. (org.). **The Turn to Ethics**. Nova Iorque-Londres: Routledge, 2000.

GAUCHET, M. **La Condition historique**. Paris: Stock, 2003.

GODEL, R. **Les Sources manuscrites du Cours de Linguistique Générale**. Genebra-Paris: Droz, 1969 [1957].

GUILLAUME, G. **Langage et Science du langage**. Québec: Presses Universitaires de Laval, 1964.

GONDEK, H.-D. **Die Geschichte eines Irrtums? Unbekannte Texte Ferdinand de Saussure**. Neue Zürcher Zeitung, 24.9.2002.

GREEN, A. Linguistique de la parole et psychisme non conscient. In: BOUQUET, S. (org.). **Ferdinand de Saussure**. Cahiers de l'Herne. Paris: Éditions de l'Herne, 2003. p. 272-284.

HARTOG, F. Régimes d'historicité: Présentisme et expériences du temps. Paris: Seuil, 2003.
HERSCHBERG-PIERROT, A. La question du style. In: AMOSSY, R.; MAINGUENEAU, D. (org.). **L'analyse du discours dans les études littéraires**. Toulouse: Presses universitaires du Mirail, 2003. p. 333-339.

HEIDEGGER, M. **Acheminement vers la parole**. Paris: Gallimard, 1959.

HJELMSLEV, L. **Prolegomena to a Theory of Language**. Madison: Univ. of Wisconsin Press, 1963.

HUMBOLDT, W. VON. **Introduction à l'oeuvre sur le kavi**. Paris: Seuil, 1974.

HUOT, H. (org.). **La Grammaire française entre comparatisme et structuralisme: 1870-1960**. Paris: Armand Colin, 1991.

JÄGER, L. **Zu einer historischen Rekonstruktion der authentischen Sprach-Idee F. de Saussure**. Tese, Düsseldorf, 1975.

JÄGER, L. La pensée épistémologique de F. de Saussure. In: BOUQUET, S. (org.). **Ferdinand de Saussure**. Cahiers de l'Herne. Paris: Éditions de l'Herne, 2003a. p. 202-219.

JÄGER, L. Wissenschaft der Sprache. Einleitender Kommentar zu den Notizen aus dem Gartenhaus. In: SAUSSURE, Ferdinand de. **Wissenschaft der Sprache**: Neue Texte aus dem Nachlaß (Hrsg. Ludwig Jäger). Frankfurt: Suhrkamp, 2003. p. 11-55.

JAKOBSON, R. **Essais de linguistique générale**, v. 1. Paris: Minuit, 1963.

JAKOBSON, R. **Essais de linguistique générale**, v. 2. Paris: Minuit, 1970.

JAKOBSON, R. Vers une science de l'art poétique. In: TODOROV, T. **Théorie de la littérature**. Paris: Seuil, 1965. p. 9-13.

JAKOBSON, R. **Questions de Poétique**. Paris: Seuil, 1973.

- KARABETIAN, E. S. (org.). Phrase, texte, discours. **Langue française**, n. 121, 1999.
- MAINGUENEAU, D. Un tournant dans les études littéraires. In: AMOSSY, R.; MAINGUENEAU, D. (org.). **L'analyse du discours dans les études littéraires**. Toulouse: Presses universitaires du Mirail, 2003. p. 15-25.
- MALDIDIER, D. **L'inquiétude du discours**: Textes de Michel Pêcheux choisis et présentés par Denise Maldidier. Paris: Éditions des Cendres, 1990.
- MARTINET, A. **Économie des changements phonétiques**: Traité de phonologie diachronique. Berne: Francke, 1955.
- DE MAURO, T. **Édition critique du Cours de linguistique générale**. Paris: Payot, 1975.
- MEILLET, A. **Linguistique historique et linguistique générale**. Paris: Champion-Klincksieck, 1921-1936.
- MESCHONNIC, H. **Le Signe et le poème**. Paris: Gallimard, 1975.
- MESCHONNIC, H. Seul comme Benveniste ou comment la critique manque de style. **Langages**, n. 118, p. 31-55, 1995.
- MESCHONNIC, H. **De la langue française**: Essai sur une clarté obscure. Paris: Hachette Littératures, 1997.
- MESCHONNIC, H. La force dans le langage. In: CHISS, J.-L.; DESSONS, G. (org.). **La force du langage: rythme, discours, traduction autour de l'oeuvre d'Henri Meschonnic**. Paris: Honoré Champion, 2000. p. 9-19.
- MESCHONNIC, H. **Célébration de la poésie**. Lagrasse: Verdier, 2001.
- MILNER, J.-C. **Le Périple structural**: Figures et paradigmes. Paris: Seuil, 2002.
- MOINFAR, M. D. L'oeuvre d'Émile Benveniste. **Linx**, n. 26, p. 15-26, 1992.
- NERLICH, B. **La Pragmatique**: tradition ou révolution dans la linguistique française. Frankfurt: Peter Lang, 1986.
- NORMAND, C. L'arbitraire du signe comme déplacement. **Dialectiques**, n. 1, 1970.
- NORMAND, C. *et al.* **Avant Saussure : choix de textes (1875-1924)**. Bruxelles: Éditions Complexe, 1978.
- NORMAND, C. (org.). Le sujet entre langue et parole(s). **Langages**, n. 77, 1985.
- NORMAND, C. Les termes de l'énonciation chez Benveniste. **Histoire Épistémologie Langage**, t. 8, f. 2, p. 191-206, 1986.
- NORMAND, C. **Constitution de la sémiologie chez Benveniste**. Histoire Épistémologie Langage, t. 11, f. 2, p. 141-169, 1989.
- NORMAND, C. La question d'une science générale. In: AUROUX, S. (org.) **Histoire des idées**

linguistiques, t. 3. Bruxelles: Mardaga, 2000. p. 441-448.

NORMAND, C. Les thèmes de la linguistique générale. *In*: AUROUX, S. (org.) **Histoire des idées linguistiques**, t. 3. Bruxelles: Mardaga, 2000. p. 449-462.

NORMAND, C. La généralité des principes. *In*: AUROUX, S. (org.) **Histoire des idées linguistiques**, t. 3. Bruxelles: Mardaga, 2000. p. 463-471.

NORMAND, C. **Saussure**. Paris: Les Belles Lettres, 2000.

NUSSBAUM, M. **Love's Knowledge: Essays on Philosophy and Literature**. Nova Iorque-Oxford: O.U.P., 1990.

PINKER, S. **The Language Instinct**. Nova Iorque: Morrow & Co, 1994.

PARRET, H. **Prolégomènes à la théorie de l'énonciation: De Husserl à la pragmatique**. Berne: Peter Lang, 1987.

PARRET, H. Les manuscrits saussuriens de Harvard. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, n. 47, p. 179-234, 1993.

PAVEL, T. **Le Mirage linguistique: Essai sur la modernisation intellectuelle**. Paris: Minuit, 1988.

PÊCHEUX, M. La sémantique et la coupure saussurienne: langue, langage, discours. *In*: MALDIDIER, D. **L'inquiétude du discours: Textes de Michel Pêcheux choisis et présentés par Denise Maldidier**. Paris: Éditions des Cendres, 1990 [1971].

PÊCHEUX, M. Inéditp: Remontons de Foucault à Spinoza. *In*: MALDIDIER, D. **L'inquiétude du discours: Textes de Michel Pêcheux choisis et présentés par Denise Maldidier**. Paris: Éditions des Cendres, 1990 [1977].

PINAULT, G. J. Compléments littéraires à la lecture d'Émile Benveniste. **Incontri Linguistici**, n. 25, p. 197-199, 2002.

PUECH, C. L'esprit de Saussure. Paris contre Genève: l'héritage saussurien. **Modèles linguistiques**, n. 41, p. 79-93, 2000.

PUECH, C. (org.). **Linguistique et partages disciplinaires à la charnière des XIXe et XXesiècles: Victor Henry (1850-1907)**. Louvain-Paris: Peeters, 2004.

PUECH, C. L'émergence d'un paradigme sémiotico-structural en France à la fin des années cinquante. *In*: BETTETINI, G.; CIGADA, S.; RAYNAUD, S.; RIGOTTI, E. **Semiotica 2: Configurazione disciplinare e questioni contemporanee**. Torino: La Scuola, Pubblicazioni del Centro di Linguistica dell'Università Cattolica, 2003.

RASTIER, F. Le silence de Saussure ou l'ontologie refusée. *In*: BOUQUET, S. (org.) **Ferdinand de Saussure**. Cahiers de l'Herne. Paris: Éditions de l'Herne, 2003. p. 23-51.

ROUBAUD, J. Le secret de Saussure. **Critique**, n. 310, 1973.

ROULET, E.; BURGER, M. **Les modèles du discours au défi d'un "dialogue romanesque"**: L'incipit du roman de R. Pinget, *Le Libera*. Nancy: Presses universitaires de Nancy, 2002.

SAUSSURE, F. de. **Cours de linguistique générale**. Paris: Payot, 1962 [1916].

SAUSSURE, F. de. **Corso di linguistica generale**: Introduzione, traduzione e commento di Tullio de Mauro. Bari: Laterza, 1967.

SAUSSURE, F. de. **Cours de linguistique générale**: Édition critique par Rudolf Engler. Wiesbaden: Harrassowitz, 1967-1974.

SAUSSURE, F. de. **Cours de linguistique générale**: Édition critique préparée par T. de Mauro. Paris: Payot, 1994 [1972].

SAUSSURE, F. de. **Linguistik und Semiologie**: Notizen aus dem Nachlaß. Texte, Briefe und Dokumente Gesammelt, übersetzt und eingeleitet von Johannes Fehr. Frankfurt: Suhrkamp, 1997.

SAUSSURE, F. de. **Écrits de linguistique générale**: Texte établi et édité par S. Bouquet et R. Engler. Paris: Gallimard, 2002.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Wissenschaft der Sprache**: Neue Texte aus dem Nachlaß (Hrsg. Ludwig Jäger). Frankfurt: Suhrkamp, 2003.

SÉRIOT, P. L'affaire du petit drame: filiation franco-russe ou communauté de pensée? (Tesnière et Dmitrievskij). *Slavica Occitania*, n. 17, p. 93-118, 2005.

SPIVAK, G. C. **A Critique of Postcolonial Reason**: Toward a History of the Vanishing Present. Cambridge, Massachusetts e Londres: Harvard U. P., 1999.

STAROBINSKI, J. **Les Mots sous les mots**: Les anagrammes de Ferdinand de Saussure. Paris: Gallimard, 1971.

STEVENSON, C. L. Qu'est-ce qu'un poème? In: GENETTE, G. (org.). **Esthétique et poétique**. Paris: Seuil, 1992. p. 157-202.

TAMBA-MECZ, I. À propos de la distinction entre sémiotique et sémantique. In: SERBAT, G.; TAILLARDAT, J.; LAZARD, G. (org.). **Émile Benveniste aujourd'hui**. Louvain-Paris: Peeters, 1983.

TODOROV, T. Poétique. In: DUCROT, O.; SAFOUAN, M.; TODOROV, T.; WAHL, F. **Qu'est-ce que le structuralisme?** Paris: Seuil, 1968.

TODOROV, T. **Théories du symbole**. Paris: Seuil, 1985.

TRABANT, J. Du génie aux gènes de la langue. In: MESCHONNIC, H. (org.) **Et le génie des langues?** Saint-Denis: P.U.V., 2000. p. 79-102.

TRABANT, J. **Vico's New Science of Ancient Signs**: A Study of Sematology. Londres-Nova Iorque: Routledge, 2004.

TURPIN, B. Discours, langue et parole dans les cours et les notes de linguistique générale de F.

de Saussure. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, n. 49, p. 251-266, 1995-1996.

TURPIN, B. Légendes-Mythes-Histoire. La circulation des signes. *In*: BOUQUET, S. (org.). **Ferdinand de Saussure**. Cahiers de l'Herne. Paris: Éditions de l'Herne, 2003. p. 307-316.

TYNIA NOV, J. & JAKOBSON, R. Les problèmes des études littéraires et linguistiques. *In*: TODOROV, T. (org.). **Théorie de la littérature**. Paris: Seuil, 1965 [1928]. p. 138-140.

UTAKER, A. **La Philosophie du langage: une archéologie saussurienne**. Paris: Presses Universitaires de France, 2002.

VOGÜÉ DE, S. La croisée des chemins. Remarques sur la topologie des relations langue/discours chez Benveniste. **Linx**, n. 9, p. 145-158, 1997.

VAUTHIER, B. Bakhtine et/ou Saussure ? ou De l'histoire du malentendu des "malentendus saussuriens". **Cahiers Ferdinand de Saussure**, n. 55, p. 241-266, 2002.

WILMET, M. G. Guillaume et la psychomécanique du langage. *In*: HUOT, H. (org.). **La Grammaire française entre comparatisme et structuralisme: 1870-1960**. Paris: Armand Colin, 1991.